CADEIAS MIGRATÓRIAS, INDÚSTRIA E COMÉRCIO: A TIJUCA COMO ESTUDO DE CASO *

Lená Medeiros de Menezes

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

Alberto Caieiro
FERNANDO PESSOA

À GUISA DE INTRODUÇÃO

Um dos maiores avanços nos estudos migratórios na passagem dos séculos XX para o XXI vem sendo a reflexão sobre processos que contemplam seus atores, em uma riquíssima dialética entre o individual e o coletivo. Nessa abordagem, trajetórias individuais transformam-se em janelas para a compreensão de impulsos, desejos, projetos e práticas cotidianas que, para além do exemplo singular, remetem a impulsos e tendências escritos no plural. Daí a contribuição da história oral e o desvelamento da existência de *cadeias migratórias* a unir o *lá* e o *cá* dos processos de deslocamento.

Segundo Devoto, os estudos sobre cadeias migratórias, surgidos nos anos cinquenta, "adquiriram novo vigor quando do eclipse, ao menos temporal, dos enfoques macro, que enfatizavam exclusivamente o papel dos fatores estruturais nas causas das migrações"[1] Analisando como tem sido empregado o conceito, o autor aponta dois *usos* principais. Um é o que ele chama de *metafórico*, que significa "o emprego da noção de cadeia para descrever genericamente um mecanismo ou para acompanhar o emprego de fontes qualitativas mais tradicionais"; amplamente utilizado pelos estudiosos do caso espanhol. O outro uso implica a valorização de fontes nominativas, ainda que se deva ter em conta que é "necessário utilizar distintas fontes para obter uma imagem mais precisa

* Este artigo é desdobramento de pesquisas sobre o comércio português no Rio de Janeiro, apoiados pelo CNPq, através de bolsa de produtividade em pesquisa (2007/2010-2010/2013), pela FAPERJ, através de taxas de bancada do programa "Cientista do Nosso Estado (2009 e 2012), e pelo PROCIÊNCIA UERJ.

1 DEVOTO, 1999: 300.

seja da dinâmica dos movimentos migratórios seja dos mecanismos de funcionamento das relações interpessoais".[2]

Apesar de suas possibilidades operacionais, como ocorre com qualquer conceito no campo das ciências humanas, o de cadeias migratórias implica cuidados e limites, principalmente com relação à necessidade de serem contempladas as dimensões múltiplas que envolvem os deslocamentos. Dentre essas dimensões, por exemplo, consideramos que a questão da empregabilidade tem uma importância que ainda não foi devidamente analisada, devido a um olhar que prioriza, principalmente, os laços familiares ou a questão da informação, ao que se acrescenta a tendência da história que é escrita no presente secundarizar a dimensão econômica, dando maior ênfase às questões culturais.

Tomando como estudo de caso o bairro da Tijuca e a *Grande Tijuca* (que inclui os atuais bairros do Andaraí, Vila Isabel e Grajaú), este trabalho volta-se para refletir acerca da presença de cadeias migratórias que ligam determinadas vilas e aldeias de Portugal ao bairro carioca, colocando ênfase nas excelentes condições de empregabilidade que a região oferecia na passagem dos séculos XIX para o XX. Os indícios da existência dessas *cadeias* ganharam visibilidade quando entrevistamos portugueses fixados na região por ocasião do desenvolvimento de projeto que se voltava para sua participação no pequeno comércio da cidade. Colocados à margem em um primeiro momento, esses indícios vieram a inspirar novas possibilidades de investigação, ensejando, como desdobramento, a construção de novo projeto, que privilegia essas *cadeias* ou redes.

Os resultados aqui apresentados são iniciais e representam as primeiras sistematizações dos dados recolhidos. A partir do estágio em que se encontra a pesquisa, alguns caminhos já estão pensados: o retorno da pesquisadora a antigos depoentes e, a partir deles, a determinação de novos imigrantes a serem entrevistados; o estabelecimento de uma amostra sobre os lugares de origem de maior incidência no conjunto dos entrevistados; o mapeamento das relações estabelecidas entre local de moradia e de trabalho; a documentação relativa às fábricas da região, grande parte delas de propriedade de imigrantes portugueses enriquecidos no comércio; cartas de chamada e a busca de fontes nominativas nos dois lados do Atlântico, com destaque para registros de passaportes e fichas de registro de estrangeiros (a serem pesquisados a partir dos nomes levantados, devido à extensão desses fundos documentais). Observe-se, no último fundo (fichas de registro de estrangeiros), que, dentre os dados de registro, inclui-se local de nascimento e residência, vitais para os objetivos do projeto.

2 DEVOTO, 1999: 304.

RIOS PARA ALÉM DO "RIO DA MINHA ALDEIA"

Para além do Tejo e do "rio de [suas] aldeias", muitos portugueses descobriram, em sua aventura transoceânica, os rios que cruzam a Tijuca e a microrregião da *Grande Tijuca*, toda ela cruzada por esses rios. Esse espaço, marcado pelo domínio da água,[3] tornou-se um espaço privilegiado da lusitanidade, onde história e memória travaram e travam um diálogo permanente, com raízes que mergulham nos processos de deslocamento que marcaram o século XIX e boa parte do XX, responsáveis por fluxos massivos de indivíduos nascidos no norte do país.

Caminhar por esse espaço, com um olhar direcionado para as influências culturais da região, significa encontrar registros de uma presença portuguesa que se expressa tanto na figura de portuguese(a)s - principalmente viúvas - que se tornaram proprietário(a)s de bares e botequins da região quanto em lugares monumentais de memória, dentre eles altas chaminés que sobem aos céus, cujo funcionamento, em última instância, garantiu a sobrevivência a homens e mulheres que, um dia, lançaram-se ao Atlântico para uma difícil travessia, embalados pelo sonho da construção de um futuro melhor.

A presença portuguesa na região pode ser percebida "através de símbolos impregnados no espaço", em um *lugar* repleto de "conteúdos emocionais, simbolismo comunitário e sentido histórico". Nas relações entre presente e passado, conteúdos emocionais permeiam relações familiares e de vizinhança, enquanto as casas étnicas que se distribuem pela região expressam um simbolismo comunitário marcado por um sentimento de pertencimento a uma comunidade reimaginada[4] em um espaço, em última instância, "moldado pelo imigrante português".[5]

Deve-se ter em mente que a conjuntura de início da *Grande Imigração* foi a mesma do surto fabril possibilitado pelo *Encilhamento*,[6] responsável pelo primeiro impulso de substituição de importações, expresso na fundação de várias fábricas na cidade do Rio de Janeiro, com destaque para a indústria têxtil. O antigo bairro do Andaraí (posteriormente Tijuca) ofereceu, naquela conjuntura, ambiente propício para o estabelecimento de várias destas fábricas, localizadas às margens dos rios que, descendo do maciço desaguam na baía da Guanabara.

---

3 Observe-se que, no tempo presente, a água continua marcando a região, pois, embora os rios tenham sido em parte canalizados, sempre que há chuva forte – da mesma forma do que no passado – eles enchem e transbordam em uma velocidade surpreendente. Esse tem sido um desafio ao longo do tempo para as autoridades municipais, explicando porque, em tempos de Copa do Mundo no Brasil e considerando que o estádio do Maracanã fica na região, estão sendo construídas grandes piscinas subterrâneas, como forma de evitar as enchentes.

4 Termo cunhado a partir de Benedict Anderson. ANDERSON, 2008.

5 MAIA, 2008.

6 Política monetária focada na livre emissão de créditos monetários, com o objetivo de estimular a industrialização e o desenvolvimento de negócios. Os bancos passaram a liberar empréstimos livremente às pessoas, sem mesmo saber de suas reais condições de pagamento, o que terminou por causar grave crise financeira na recém-proclamada República.

Algumas dessas fábricas desapareceram praticamente sem deixar rastros, lembradas por memorialistas ou estampadas em imagens esmaecidas do passado; caso da fábrica de Chitas que funcionava na principal praça do bairro. Outras, entretanto, tiveram longa existência, desaparecendo apenas ao tempo da ditadura militar, como foi o caso da *América Fabril*, da *Confiança,* da *Covilhã* e da *Brahma,* que deixaram preciosas marcas arquiteturais de sua importância e pujança, expressas em altíssimas chaminés que, solitárias parecem perdidas no tempo, ou em paredes de pedra que, preservadas, mostram-se de grande beleza.

Foto 1
Chaminé da América Fabril e da fábrica da Brahma.
Foto da autora

Com relação aos rios situados para além "do rio de [suas aldeias]", estes foram o grande diferencial da região, em um momento no qual a indústria necessitava da água para sua existência.[7] Situado nos contrafortes do maciço que deram nome ao bairro, a Tijuca, entre finais do século XIX e inícios do XX, beneficiava-se dos rios[8] que desciam da montanha para o vale a caminho do mar: Maracanã, Trapicheiros e Joana. Nas mar-

7 Para além da Tijuca existiram fábricas situadas nos contrafortes sul do mesmo maciço, com destaque para regiões onde se situam os bairros de Laranjeira e Lagoa. Às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, por exemplo, estabeleceu-se a fábrica *Corcovado*, quando era, tão somente, um terreno pantanoso.

8 Estes rios, nos dias de hoje, estão em parte canalizados e várias ruas da região tiveram seu asfalto colocado por cima de galerias fluviais. As constantes enchentes na região marcaram o passado e continuam desafiando a municipalidade. O mais recente projeto para resolver o problema das enchentes é a construção de grandes de piscinas subterrâneas, para evitar o transbordamento dos rios, que sofrem cheias em uma velocidade impressionante quando há chuvas fortes.

gens desses três rios localizaram-se as fábricas que projetaram o Rio de Janeiro como o primeiro centro fabril do país. Esse surto coincidiu com a fase de imigração massiva que direcionou para o Brasil milhares de portugueses, provenientes das províncias do norte de Portugal, desde que o apito do trem e a fumaça das caldeiras, em Portugal, rasgaram o ar, serpenteando nas margens do Douro e arrancando populações de distâncias seculares, possibilitando-lhes, assim, chegarem com rapidez aos portos, descortinando, para além do Douro e do Tejo, novos horizontes.

A exemplo do sucedido na Inglaterra setecentista, as águas dos rios *tijucanos* foram vitais para as primeiras indústrias brasileiras, cumprindo a função de movimentar caldeiras e máquinas (antes da introdução da energia elétrica) e, como resultado, baratear os custos e tornar a produção competitiva.

No caso da indústria de tecidos, a água era, também, essencial nos processos de tingimento e lavagem. Não é puro acaso, portanto, que as fábricas bordejassem os rios que cortam a região, com o aproveitamento de suas águas e sua utilização mais ampliada pela construção de canais e açudes.

O "APITO DA FÁBRICA DE TECIDOS"

Muito já foi dito sobre a preferência do imigrante português pela vida urbana, em especial pela cidade do Rio de Janeiro, apesar dessa constatação não representar, até muito recentemente, um número expressivo de trabalhos acadêmicos dedicados ao tema. A justificativa para esse silêncio é o que temos denominado de "invisibilidade pela naturalização da presença", com os portugueses, enquanto "estrangeiros conhecidos",[9] tendendo a ser inserido no conjunto da população de língua portuguesa, sem marcas mais incisivas acerca de sua *diferença*,[10] dirigida para grupos vistos como mais *exógenos*.

Com relação à participação portuguesa no comércio, com destaque para o pequeno comércio, podemos considerar que já existe sobre o tema uma historiografia razoável, incluindo-se alguns trabalhos pioneiros da autora deste artigo[11] e de pesquisadores de

9 O conceito pertence a Duroselle. Cf. DUROSELLE, 2000: 51. O capítulo no qual se encontra a distinção entre "estrangeiros conhecidos" e "estrangeiros desconhecidos", intitulado "Estrangeiros" traz aportes interessantíssimos para a história das migrações, a partir de um olhar das relações internacionais.

10 Observe-se que, essa "naturalização" tendia a ser apagada em momentos de embates, com o antilusitanismo despertando de seu adormecimento, como já analisou Gladys Ribeiro (1990) em seus trabalhos e como pode ser observado, também, em autores francamente francófilos e lusófonos como Luís Edmundo (1967).

11 Ver, por exemplo, MENEZES, 2012.

São Paulo[12] e de Belém do Pará,[13] que há muito vem se dedicando ao tema da e-imigração portuguesa. Há silêncios consideráveis, entretanto, com relação ao trabalho de operários portugueses nas fábricas, principalmente o exercido por mulheres.[14] Silêncios maiores, por outro lado, afetam a relação estabelecida entre indústria e comércio e a migração ocupacional que, da fábrica, orientou-se para o pequeno comércio, muitas vezes estabelecido nos arredores do próprio estabelecimento fabril. Essa relação, em especial, resta por ser analisada pelos historiadores, possivelmente em decorrência do papel pouco expressivo que hoje ocupa a história econômica no contexto dos estudos históricos.

Utilizando-nos dos versos da música de Noel Rosa: "Quando o apito da fábrica de tecidos vem ferir os meus ouvidos, eu me lembro de você"[15] é possível dizer que, quando "o apito da fábrica de tecidos", ao anunciar o início de mais um dia de trabalho ou o término da jornada diária, *feria* os ouvidos do poeta-compositor, *feria*, também, os ouvidos de outros moradores da *Vila*,[16] trazendo-lhes a lembrança das jovens que lhes arrancavam suspiros apaixonados. Dentre essas jovens, muitas portuguesas que, cotidianamente, esperavam a hora dos portões da fábrica se abrirem para entrarem ou saírem; portuguesas que garantiam sua sobrevivência e de sua família em terras brasileiras.

O nome da fábrica – *Confiança*[17] –, por outro lado, remetia, também, à presença portuguesa no bairro, homenagem e reverência a uma outra fábrica, situada do outro lado do Atlântico, na cidade de Braga.

12 Contando-se dentre estes Maria Izilda de MATOS e Yvonne AVELINO.

13 Devem ser citados, dentre outros, os nomes de Maria de Nazaré Sarges e de Marcos Carvalho.

14 Destaque-se, para o caso de São Paulo, o trabalho pioneiro de MATOS (1996) sobre a indústria da sacaria para o café e as obras de Eulália LOBO (2001), pioneira nos estudos sobre imigração portuguesa.

15 Os versos compõem a música *Três apitos*, composta em 1933.

16 A referência é ao bairro de Vila Isabel. Noel Rosa, nascido no bairro, é conhecido como o "poeta da Vila".

17 A fábrica foi fundada em 1885. Em suas imediações foram erguidas vilas operárias e alguns casarões. Em 1929, com o crack da Bolsa de Nova York, teve problemas e demitiu operários, mas voltou a crescer em 1942, por produzir e fornecer uniformes para o exército brasileiro. Esteve em atividade durante 85 anos e sua chaminé data de 1894.

Foto 2
Fachada lateral da Fábrica Confiança e rio Joana,
No bairro de Vila Isabel. Foto da autora.

A imponência do estabelecimento, dominando o espaço, traduzida na robusta construção em pedra, lembra ainda os tempos áureos de busca da industrialização por uma República recém-implantada, quando, a *Confiança*, debruçada sobre o rio Joana, produzia tecidos variados e de boa qualidade. Diferentemente de outras fábricas, das quais só restaram ruínas ou uma chaminé perdida no meio de prédios construídos em outros tempos, seu prédio foi preservado e ocupado por um supermercado nos idos de 1980, permanecendo como espaço ressignificado da vida econômica da região. Se "o apito da fábrica de tecidos" tornou-se coisa do passado,[18] mitificado, ele foi eternizado nos versos e sons de Noel, transcritos musicalmente nas calçadas do bairro.

Resistência à especulação imobiliária,[19] a fábrica de Vila Isabel durante décadas dividiu espaço com outros estabelecimentos, voltados para produtos variados. Dentre estes estabelecimentos fabris destacaram-se:

> • as fábricas de tecidos, destacando-se a *Bom Pastor*, *Maracanã*, *Corcovado* (posteriormente deslocada para as margens da Lagoa Rodrigo de Freitas), *Confiança*, *América Fabril*, *Covilhã* e *Lanifício Alto da Boa Vista* (essa mais tardia);

18 Esse passado, porém, tornou-se passado recente pela tradição do apito soar mesmo após o término das atividades da fábrica. Só muito recentemente o silêncio substituiu o ruído que, tal qual sinos de campanário, marcava o início e o fim dos dias.

19 O prédio da *América Fabril*, por exemplo, foi derrubado na década dos 1960 e em seu lugar surgiu um grande conjunto residencial, enquanto o *Lanifício Alto da Boa Vista* resta em ruínas.

• as fábricas de rapé e de cigarros, setor no qual a *Souza Cruz* tornou-se um gigante;
• as indústrias de bebidas (*Helvética*, depois *Brahma*), situada às margens do rio Maracanã;
• fábricas de chapéus (*Mangueira*), de vidros, de barcos, de uniformes, de móveis, de material sanitário, de borracha, olarias e outras.

Todas elas colaboraram para definir a região como área fabril e lugar possível de concretização do sonho imigrante de construção de outro futuro em terras brasileiras, apesar dos baixos salários e do trabalho estafante que elas ofereciam. O nome de algumas dessas empresas era a expressão objetiva dessa participação, ao remeterem, diretamente, a estabelecimentos existentes em Portugal; exemplo da já citada *Confiança* e, também, da fábrica *Covilhã* que, seguindo as tradições da Covilhã de Portugal, produzia excelentes tecidos de lã.[20]

Como proprietários de muitas dessas fábricas, destacaram-se empreendedores portugueses, muitos deles enriquecidos no comércio. Os exemplos são vários: Conde de Avelar,[21] proprietário da *Fábrica de Tecidos Bom Pastor*; família Souto Maior, proprietária da *Fábrica de Tecidos Corcovado*, que, em 1920, comprou a massa falida da *Fábrica de Tecidos de lã Andaraí*;[22]Albino Souza Cruz,[23] fundador da *Fábrica de Cigarros Souza Cruz* e José Antonio Coxito,[24] idealizador e proprietário da *Farmácia e indústria Granado*, cuja filial na Tijuca marcou várias gerações. Como outros, eles deixaram seu nome impresso na história da

20 A fábrica foi uma das últimas a encerra suas atividades, permanecendo em funcionamento até os anos oitenta do Novecentos.

21 Antonio Gomes de Avelar era português de Alcobaça. Nasceu em 24 de maio 1855 e emigrou para o Brasil quando tinha 11 anos, para trabalhar no comércio, como vários jovens da mesma idade. Tornou-se um grande nome no Brasil, onde exerceu os cargos de Presidente da Real Sociedade de Beneficência e do gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

22 A Fábrica Corcovado foi uma das fornecedoras de tecidos para os uniformes das Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial. Estendeu suas atividades até o ano de 1964, quando fechou as portas.

23 Albino Souza Cruz nasceu em Santa Eulália da Palmeira, Santo Tirso, 1869. Emigrou para o Brasil no ano de 1885, quando tinha 16 anos, fixando-se no Rio de Janeiro, onde trabalhou em uma fábrica de fumo, de propriedade de outro imigrante português: José Francisco Correia, o Conde de Agrolongo. Quando tinha 33 anos começou a produzir cigarros, em um pequeno estabelecimento no centro da cidade. Passou, posteriormente, da produção artesanal para a industrial, tornando-se um gigante no ramo, dirigindo a maior indústria de fumos da América Latina. Em 1962 retirou-se da presidência da companhia e em 1966, com idade avançada, veio a falecer, vitimado pelo câncer.

24 Antônio Coxito Granado chegou ao Brasil com 14 anos de idade. Ao chegar empregou-se em uma botica situada na atual rua Buenos Aires, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Seu trabalho era o de lavador de frascos, recebendo em troca casa, comida, roupa lavada e um pequeno salário. Sua sorte começou a mudar quando foi convidado a dirigir a renomada botica de Barros Franco, situada na atual rua Primeiro de Março, onde se concentravam importantes empresas. No ano de 1869, fez proposta para a compra da botica, nascendo, no ano seguinte, a *Casa Granado.* Esta se tornaria famosa pela produção de polvilhos antissépticos e sabonetes de glicerina, até hoje existentes no mercado. A filial inaugurada na Tijuca foi, até muito recentemente, referência na principal praça do bairro.

imigração, na história da indústria no Rio de Janeiro e na história da Tijuca, tornando-se, também, exemplos emblemáticos do português enriquecido em terras brasileiras que se transformou em verdadeiro mito migratório, a incentivar a permanência dos fluxos.

OS RIOS, AS FÁBRICAS, OS MORROS... E OS PORTUGUESES

Os indícios da presença portuguesa em uma região tão demarcada pela água podiam ser encontrados a cada esquina, à frente de armazéns (embora raros os dias de hoje, eles ainda existem na região), açougues, padarias, botequins (ainda numerosos) e quitandas. Acrescente-se o fato de alguns portugueses terem legado seu nome a determinadas localidades. Veja-se o caso do Morro do Salgueiro, que deve seu nome a Domingos Alves Salgueiro, imigrante português proprietário de uma fábrica de conservas à Rua dos Araújos, caminho que liga uma das descidas do morro à rua Haddock Lobo, uma das principais do bairro. O Morro do Salgueiro, embora exemplo emblemático, é apenas um dentre os morros da Tijuca que entrelaçam a história de sua ocupação com o processo de imigração.

Com relação à ocupação dos morros, muito ainda há por ser dito principalmente com relação à participação portuguesa nessa ocupação. Essa foi uma história vivida que resta por ser escrita, de forma que possam ser revistas algumas ideias consagradas como verdade final, que, ao enfatizarem à participação da população brasileira pobre no processo, com destaque para antigos escravos, aprofundaram o silêncio sobre a participação dos imigrantes, como se não houvesse imigrantes pobres na cidade do Rio de Janeiro.

Com relação especificamente à participação portuguesa nesse processo, este é ainda terreno virgem de pesquisa, sobre o qual só muito recentemente alguns historiadores - dentre os quais me incluo - passaram a lançar seu olhar. Os indícios existentes vêm demonstrando que não foi pequena essa participação, ainda que as referências escritas sejam esporádicas e anedóticas. Lado a lado com a população brasileira pobre (na maioria negros e mulatos), o imigrante em geral e o português em particular habitavam espaços comuns, como demonstra, para as áreas centrais da cidade, *O Cortiço* de Aluísio Azevedo.[25]

Muito já foi dito acerca do processo através do qual as reformas urbanas promovidas por Pereira Passos (1902-1906) empurraram a população pobre - expulsa do centro da cidade pelas demolições que caracterizaram a intervenção modernizadora do prefeito - para os morros cariocas, grande parte deles situada na Tijuca. No caso desses morros, em particular, faltam estudados aprofundados que possam levar a uma melhor compreensão

25 O *Cortiço* foi publicado em 1890 e teve boa recepção da crítica, devido ao fato de seu autor apresentar-se antenado com o naturalismo, que gozava, então, de grande prestígio na Europa. O romance tem por ambiência uma habitação coletiva do centro do Rio, onde pessoas pobres – brasileiros e estrangeiros – convivem.

dos primórdios de um povoamento que, em parte significativa, foi explicado pela necessidade do acesso a terras desocupadas que pudessem servir de moradia aos operários das fábricas que pontilhavam a região em finais do Oitocentos e inícios do Novecentos, dentre os quais imigrantes portugueses.

O morro da Mangueira, por exemplo, hoje próximo ao estádio do Maracanã, tem seu nome relacionado a uma fábrica de chapéus: a *Fábrica de Chapéus Mangueira*, como vem demonstrando, a partir de outros objetivos e outras abordagens, pesquisa desenvolvida por Araújo Santos.[26] Iniciada em meados do século XIX, a fábrica tinha por proprietário um português de Braga, José Antônio Fernandes Lopes, que chegou ao Brasil em 1858, com a idade de 16 anos de idade, para auxiliar o irmão, José Antônio Fernandes Braga, na produção de chapéus.

> Antes de 1868, como muitas outras atividades fabris no Rio de Janeiro de então, a produção de chapéus limitou-se a uma manufatura quase totalmente artesanal, com tecnologia trazida da cidade de Braga, Portugal. Com José Luiz a pequena fábrica tomou impulso e expressão, aumentando os negócios, favorecido pela conjuntura que permitiu tal crescimento /.../ Entre 1868 e 1896 ocorreu a expansão dos negócios tanto no mercado interno como no externo, a importação de tecnologia e a consolidação da produção. O incêndio em 1896 marcou um ciclo de crescimento e a necessidade de deslocamento da fábrica para outro local menos insalubre, mais apropriado para a escala maior de produção /.../ Em dois anos as novas dependências da fábrica foram construídas à altura da primeira parada dos trens quando partiam da estação Pedro II. No local havia uma grande mangueira que servia de referência, tornando-se a estação primeira da Mangueira. Ali, em torno da grande mangueira a fábrica foi construída com novos maquinários e estrutura para aumento da produção, juntamente com casas para os operários.[27]

Acompanhando a moda que tinha no chapéu parte importante da indumentária de homens e mulheres que viviam a *Belle Epoque* tropical, a pequena empresa transformou-se em uma das principais fábricas de chapéus do país, empregando muitos operários, brasileiros e imigrantes pobres. No caso dos imigrantes, eles se tornaram referência para tantos outros que, direta ou indiretamente, a partir de informações direta ou indiretamente recebidas, escolheram a região como seu destino no Brasil, graças, principalmente, às possibilidades de emprego que ela oferecia.

---

26 SANTOS, 2009.

27 SANTOS, 2009: 4.

Mais conhecida é a história do Morro do Borel, onde se localiza a sede do Grêmio Recreativo *Escola de Samba Unidos da Tijuca*, terceira escola mais antiga da cidade.[28] As origens do povoamento e da Escola de Samba nascida naquele espaço, remontam à ocupação do morro por operários das fábricas Maracanã, Covilhã e Souza Cru z, situadas nas terras baixas das proximidades (hoje ruas Conde de Bonfim e Garibaldi).

A influência portuguesa na história da Escola Unidos da Tijuca pode ser observada não só no fato de seu diretor ser, há tempos, um português: Fernando Horta, mas também na tradição do desfile da agremiação incluir a presença de ranchos folclóricos das casas portuguesas da região, através dos quais portugueses e seus descendentes reafirmam seus vínculos com a região de origem, oferecendo um exemplo objetivo de identidades ressignificadas em terras brasileiras.

Dentre as dimensões da forte presença portuguesa na região estudada (como já mencionei em outros trabalhos[29]) devem ser mencionadas as inúmeras casas étnicas que pontilham o espaço tijucano. Nunca é demais lembrar que o bairro, em pouco mais de 1 km2, concentra a metade das casas portuguesas localizadas na cidade do Rio de Janeiro, indicando a procedência daqueles que acabaram por ressignificar a lusitanidade fora da terra natal. Ao todo são seis "casas" que remetem diretamente ao lugar de origem dos imigrantes: *Casa do Porto*, *Casa do Alto Douro e Trás os Montes*, *Casa do Minho*, *Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria*, *Casa dos Poveiros* e *Casa dos Açores*. Outras "casas", por outro lado, reforçam a dimensão nacional da e-imigração: o *Orpheão Português* e a *Casa de Portugal*, além do hospital da *Beneficência Portuguesa*.

Fotos 5
Casa de Portugal. Foto da autora

28 A *Escola Unidos da Tijuca* foi fundada em 31 de dezembro de 1931.

29 VER Menezes, 2012b.

Para além de lugares monumentais de memória, cada uma dessas "casas" apresenta-se como *locus* privilegiado de manifestações culturais e de recriação de identidades fora da terra natal, possibilitando a existência de uma "história que fermenta a partir do estudo dos 'lugares' da memoria coletiva".[30] Cada uma delas funciona como referência e local de convívio, minimizando as agruras do sentimento de sentir-se fora do lugar. Fundadas na década de 1950 por imigrantes chegados no renascimento dos fluxos deslocados de Portugal para o Brasil, estas instituições são também exemplos vivos de como "cadeias adormecidas"[31] voltam a ganhar vida quando uma conjuntura propícia se apresenta. No caso, "cadeias" que, estabelecidas na passagem dos 1800 para os 1900, ganharam nova vida na e-imigração do pós 1945.

Na origem dessas *casas*, há o registro da ascensão social de portugueses que reinventaram suas vidas em terras brasileiras, dos grandes comerciantes a operários fabris e pequenos comerciantes espalhados pela região, que tem, nesses espaços, oportunidades de lembrar o passado, reafirmar suas identidades, reverenciar o país do qual um dia partiram, encontra patrícios, legar sua cultura aos descendentes e dedicar-se a atividades culturais e de lazer.

> A forte presença portuguesa na região e as oportunidades de emprego na indústria e no comércio, traduzidas nesses imponentes *lugares de memória*, possibilitaram que a Tijuca se tornasse importante espaço de atração para imigrantes que, graças às informações que chegavam a Portugal através de relatos orais, exemplos dados por *brasileiros*, notícias impressas ou cartas de chamada. Dentre essas informações, notícias sobre o oferecimento de postos de trabalho. Dessa forma, algumas *cadeias migratórias* ganharam visibilidade, unindo o bairro da Tijuca e os bairros adjacentes a determinadas aldeias do norte de Portugal. Foi o caso, por exemplo, da ligação entre a Muda da Tijuca (local situado próximo à subida da serra) e a vila de Manteigas, localizada na Serra da Estrela, de onde se deslocou Maria do Rosário Cardoso dos Santos[32] que, em entrevista a mim concedida, forneceu os primeiros indícios dessa ligação transoceânica.[33]

30 LE GOFF, 2003: 467.

31 O termo foi tomado de empréstimo a Pilar Cagiao, da Universidade de Santiago de Compostela, em conferência ministrada no Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em abril de 2014.

32 Entrevista dada à autora em 01 de agosto de 2003.

33 Por sua trajetória emblemática, Maria do Rosário já foi por mim citada em outros trabalhos. CF., por exemplo, MENEZES, 2010.

Nascida em 10 de junho de 1920, em uma vila localizada na Serra da Estrela, D. Maria do Rosário começou a trabalhar quando tinha quinze anos de idade, na mesma fábrica em que trabalhava aquele que viria a ser seu marido. Desembarcou no Rio de Janeiro no ano de 1953, carregando junto a si seus dois filhos, com o objetivo de encontrar-se com o esposo e promover a reunificação familiar, fugindo ao destino comum de tornar-se *esposa de marido vivo* em Portugal. Logo que chegou ao Rio de Janeiro, tomou o rumo da Tijuca, visto a possibilidade de empregar-se na Fábrica de Tecidos Covilhã, onde já trabalhavam conterrâneas suas, empregadas por uma supervisora da aldeia, pois, segundo ela, todo aquele que chegava de Manteigas, esta "metia lá", fazendo lembrar a análise de Moya ao dizer que:

... um efeito das cadeias migratórias [é] o de atrair novos emigrantes para setores e atividades produtivas nas quais os 'pioneiros' se haviam instalado, de forma que o fluxo mais ou menos constante para um tipo de atividade ou setor [gera] práticas monopolistas com relação a indivíduos de outras etnias.[34]

A rua onde se localizava a fábrica tornou-se *lugar* para D. Maria construir sua nova vida. Ali ela criou seus filhos e ali ela realizou, em 1960, o sonho de se tornar seu próprio patrão. Inspirada na experiência da mãe, como taberneira, em Portugal,[35] ela abriu seu próprio bar, nas proximidades da fábrica em que fora operária, vocacionado a oferecer comida e bebida aos antigos companheiros de trabalho. Essa, ademais, foi a forma que ela encontrou para conciliar maternidade e trabalho em um único espaço. Nessa nova etapa de sua vida, Maria do Rosário tornou-se mais um exemplo das possibilidades oferecidas pelo comércio em termos de ascensão social, tornando-se, ao mesmo tempo, mais um elo de uma cadeia migratória que teve na fábrica *Covilhã* um importante lugar de sua tessitura inicial e para a qual contribui, certamente, o sucesso obtido por conterrâneos.

34 FERNÁNDEZ e MOYA, 1999: 88.

35 É importante registrar que esta atividade, nas aldeias, era exercida por mulheres, devido aos contínuos deslocamentos masculinos por conta das lides na lavoura.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida, 1987. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iphan Rio/Zahar, 1987.

ANDERSON, Benedict, 2008. *Comunidades Imaginadas*. [Trad.]. São Paulo: Companhia das Letras.

DEVOTO, Fernando J. "Las cadenas migratórias de Santiago de Compostela hacia las Américas. Um ejercicio metodológico". *Semata*. Ciências Sociais e Humanidades, v. 11: 299-315.

FERNÁNDEZ, Alejandro E; MOYA, José C. (ed.), 1999. la inmigration española em la Argentina. Buenos Aires: Editorial Biblos.

LE GOFF, Jacques, 2003. *História e Memória.* [Trad. Irene Ferreira, Bernado Leitão, Suzana Ferreira Borges].5ª ed. São Paulo: Ed. UNICAMP.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. SP: Hucitec, 2001. 367 p.

PESSOA, Fernando. Poemas de Alberto Caeiro. *O Tejo*. Disponível no site *www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaeiro/tejo.php*Ð. Consulta em 20 de março de 2014.

MATOS, Maria Izilda S. de, 2012. *Trama & poder. Trajetória e polêmica em torno da indústria da juta. 2ª ed.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

MENEZES, Lená Medeiros de, 2012. "Comércio português no Rio de Janeiro : histórias e gênero". In: MENEZES, L. M. de; MATOS, M. I. S. *Deslocamentos e cidades*. Experiências, movimentos e migrações. Rio de Janeiro: LABIMI-UERJ/FAPERJ, p. 207-217.

_, 2012b. "Imigração Portuguesa: lembranças de terras distantes. Tijuca e São Cristovão como estudo de caso". *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. 6(1): 79-95.

_, 2010. "Imigração e Comércio: silêncios sobre a mulher". In: SARGES, M. N.; SOUZA, F.; MATOS, M. I. (org.). Entre-Mares – O Brasil dos Portugueses. Belém-Pará:Paka-Tatu, p. 186-194.

_, 2007. "A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872,1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida". In: SOUSA, F. e MARTINS, I. de Lima (org.). *A Emigração Portuguesa para o Brasil*. Porto/Rio de Janeiro: CEPESE/FAPERJ, 2007. p. 86– 105.

RIBEIRO, Gladys Sabina. Mata Galegos. *Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo, Brasiliense, 1990 (Tudo é história, 129).

SANTOS, Alexandre Mello; LEITE, Márcia Pereira; FRANÇA, Nahyda (org.), 2003. *Quando memória e história se entrelaçam.* A trama dos espaços da Grande Tijuca. IBASE, Disponível em www.ibase.br/pt/wp_content/uploads/2011.06/cter-memoria-dos-espacos-na-grande-tijuca.pdf. Consulta em 28.06.13.

SANTOS, Lyndon de Araújo, 2009. *História de uma Ética Protestante Tropical: Memória e Trajetória da Fábrica de Chapéus Mangueira (1857-1903)*. In: Anais do XXV Simpósio Nacional de História (ANPUH). Fortaleza, p. IV. http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0768.pdf. Consulta em 28/10/2013._